


O legado da ciência da religião: contribuições e desafios na construção de uma disciplina autônoma

The legacy of the science of religion: contributions and challenges in the construction of an autonomous discipline

*André Magalhães Coelho*¹

 <https://orcid.org/0000-0003-1143-1407>

Resumo

Este artigo explora a relevância do legado da Ciência da Religião e as realizações acadêmicas da disciplina, consideradas essenciais para a formação da identidade dessa área. O estado contemporâneo de qualquer domínio científico é resultado de um extenso processo de transmissão de um patrimônio intelectual que foi coletivamente construído e planejado pelas gerações anteriores. O propósito deste texto é evidenciar as conquistas de uma disciplina autônoma que assegura a continuidade no que tange ao aprimoramento ou à revisão crítica de um conhecimento previamente estabelecido. Para esta análise, recorreremos às obras do cientista da religião Frank Usarski da PUC-SP e de outros autores renomados que contribuíram para o estudo do tema.

Palavras-Chave: Ciência da Religião; Identidade; Contribuições; Legado.

Abstract

This article explores the relevance of the legacy of the Science of Religion and the academic achievements of the discipline, considered essential for the formation of the identity of this area. The contemporary state of any scientific domain is the result of an extensive process of transmission of an intellectual heritage that was collectively constructed and planned by previous generations. The purpose of this text is to highlight the achievements of an autonomous discipline that ensures continuity in terms of the improvement or critical review of previously established knowledge. For this analysis, we will draw on the works of the religious scientist Frank Usarski from PUC-SP and other renowned authors who have contributed to the study of the subject.

Keywords: Science of Religion; Identity; Contributions; Legacy.

¹ Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pós-doutorando pela mesma instituição. E-mail: magalhaescoelho@gmail.com.

Introdução

Este texto busca enfatizar as conquistas de um campo de investigação autônomo que assegura a continuidade no que se refere ao progresso ou à reanálise crítica de um conhecimento já estabelecido. Nesse contexto, o texto promove um debate e menciona a obra *"A identidade da ciência da religião"* (2023)², elaborada pelo professor Frank Usarski, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que expõe as incertezas que ele tem observado entre os alunos da área de ciência da religião no Brasil em relação à compreensão do perfil e da identidade da disciplina.

O fruto de seu envolvimento resultou na publicação do livro *"Constituintes da ciência da religião - cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma"* (Usarski, 2006).

Desde sua publicação, a obra ganhou grande notoriedade, sendo frequentemente referenciada em artigos, teses, dissertações e programas de cursos da área. O ponto de partida da obra explora o conceito de “tradição da segunda ordem como chave de leitura”, um termo que tem suas raízes na história e na filosofia da ciência, e que designa uma coesão cognitiva dentro de uma comunidade científica, refletindo o compromisso de seus membros como legado intelectual de sua disciplina (Usarski, 2023, p. 12).

O livro ressalta a situação atual do meio acadêmico em geral, resultante de um processo contínuo de transmissão de um patrimônio intelectual elaborado coletivamente por gerações de pesquisadores da mesma área. Essa “tradição da segunda ordem” refere-se aos esforços de uma comunidade científica contemporânea, que, munida de conhecimento e repertório do passado, assegura a continuidade desse saber, visando o aprimoramento ou uma crítica à luz de um conhecimento previamente estabelecido.

A obra do professor Usarski menciona a expressão “metateoria”, que se refere à caracterização consensual entre autores que se dedicam a investigar a estrutura da ciência.

O termo “metateoria” origina-se do grego (meta = além). A teoria é sinônimo do “saber da primeira ordem”, que implica uma descrição e análise de objetos considerados relevantes para a ciência. Já o “saber da segunda ordem”, representado pelo substantivo “metateoria”, refere-se a uma teoria que vai “além” da teoria, ou seja, à filosofia que fundamenta a teoria ou ao conjunto essencial de ideias sobre como deve-se pensar e pesquisar os fenômenos de interesse em um campo específico (Usarski, 2023, p. 13). A finalidade deste artigo é apresentar uma reflexão acerca de um potencial “legado da ciência da religião”, fundamentada nas contribuições do pesquisador Frank Usarski. Para essa investigação, faremos uso de suas obras, além de outros autores de destaque que enriqueceram a pesquisa sobre o assunto.

Inicialmente, o texto propõe uma análise da postura que um estudioso das religiões deve adotar em relação ao objeto de pesquisa. Na segunda seção, investigaremos a demarcação de fronteiras da

² Para aprofundar a discussão acerca do perfil da Ciência da Religião, recomendo a leitura da obra *A identidade da ciência da religião* (2023), elaborada pelo professor Frank Usarski, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

ciência da religião em relação a outras áreas do conhecimento. O terceiro item examina a função da ciência da religião como uma disciplina extra-acadêmica, e, por fim, será discutida a contribuição da ciência da religião para a formação teológica.

A postura do observador: desvendando a ciência da religião como disciplina acadêmica

Ao explorar o perfil da Ciência da Religião enquanto uma disciplina independente, consolidada epistemologicamente por uma comunidade científica, é notória a carência de familiaridade entre os membros dessa mesma esfera acadêmica. Atenuar essa lacuna através de uma sistematização de reflexões que evidenciem as contribuições, tanto diretas quanto indiretas (Usarski, 2023, p. 18).

As particularidades da ciência da religião, de maneira geral, destacando a postura acadêmica que o pesquisador deve adotar para investigar o fenômeno religioso de forma empírica, assim como as constituições formais da disciplina universitária. Esses elementos constituem os aspectos centrais da identidade da Ciência da Religião, deduzidos de publicações clássicas da área.

As especificidades cognitivas do labor científico, como as apresentadas por Peter L. Berger e Thomas Luckmann, herdam a tese científica de Alfred Schütz, que elaborou a sociologia fenomenológica, referindo-se a Husserl. Esta abordagem diz respeito às operações mentais que um pesquisador deve considerar ao realizar investigações científicas, enquanto habitamos o “mundo da vida”, isto é, nosso cotidiano (Usarski, 2023, p. 19).

O “mundo da vida” representa a esfera em que residimos e vivenciamos a realidade como algo certo e confiável. Essa atitude reflete uma posição ‘natural’ que os sujeitos assumem, suspensa de dúvidas sobre a essência dessa esfera. A vida ‘natural’ em que nos movemos é percebida como inquestionável e não suscita dúvidas.

O labor acadêmico científico requer uma postura que supere essa vida cotidiana, promovendo um salto para uma esfera onde a realidade do observador, através de métodos rigorosos, cria uma distância em relação ao seu objeto de estudo. Assim, um cientista da religião se dedica ao seu campo de pesquisa (Usarski, 2023, p. 20).

A especificidade estrutural do trabalho acadêmico, no qual a comunidade científica se insere, é um grupo social bem delimitado, onde os indivíduos se reconhecem como parte de um mesmo corpo e devem manter coerência em seu campo de estudo.

De acordo com Frank Usarski, a intersecção entre a existência de um grupo acadêmico deve ser acompanhada de uma autoconsciência e uma cosmovisão compartilhada entre os membros, sendo isso essencial para o conceito de paradigma, conforme compreendido por Thomas S. Kuhn. Os paradigmas representam a cristalização de repertórios de conhecimento, cuja partilha é obrigatória entre os indivíduos de uma mesma comunidade científica, sendo reproduzidos ao longo da formação acadêmica de gerações subsequentes para integrar o grupo já constituído (Usarski, 2023, p. 22-23).

Usarski observa, que uma tradição estabelecida deve seguir os passos de seus pioneiros na análise da religião em termos não religiosos, citando Cornelis Petrus Tiele³, que afirma que o objeto da nossa ciência não é o supra-humano em si, mas a religião baseada na fé deste supra-humano, devendo ser investigada como um fenômeno totalmente humano (Usarski, 2023, p. 26). Para o autor, a sobrevivência da “tradição da segunda ordem” a longo prazo dependerá do cultivo contínuo das heranças deixadas pelos primeiros cientistas da religião.

A epistemologia da ciência da religião e seus limites com a teologia nas universidades estrangeiras

Busca-se contribuir para a definição epistemológica da ciência da religião, apresentando uma breve análise sobre como essa disciplina é abordada em universidades estrangeiras, estabelecendo limites com outras áreas, como a teologia, mas sem renunciar a seus fundamentos epistemológicos.

Ao seguir a “tradição da segunda ordem”, temos uma narrativa de escolas que especificam os métodos de abordagem, legados comunitários e memórias coletivas compartilhadas sobre a forma como os participantes se relacionam entre si. Assim, tanto educadores quanto alunos precisam estar cientes dos métodos empregados nas investigações e de como aplicá-los em estreita conexão com os objetos de estudo.

Por isso, algumas indagações devem ser feitas: Existe realmente uma ciência da religião? O termo ‘Ciência da Religião’ não seria apenas uma expressão abrangente para um conjunto de disciplinas que investigam a religião? (Usarski, 2023, p. 38).

Essas questões nos levam a refletir que o cientista da religião foca, exclusivamente, em seu objeto de estudo e em sua centralidade, enquanto áreas como a sociologia da religião e a história abordam a religião apenas como um dos muitos tópicos que exploram. Assim, o cientista da religião que examina exclusivamente fenômenos históricos, sem uma referência clara ao tema religião,⁴ deixa de ser um cientista da religião.

³ Cornelis Petrus Tiele (1830 - 1902) foi um teólogo e erudito holandês especializado em religiões. Sua contribuição deixou uma marca indelével no campo do estudo de religiões, que na época ainda se encontrava em seus primórdios. Embora fosse teólogo, ele defendeu a tese de Max Müller de que a religião deveria ser investigada de maneira científica e empírica, afastando-se das limitações da teologia tradicional. Além disso, Tiele é reconhecido como o pioneiro na docência da ciência da religião.

⁴ A indagação sobre o que se entende por religião nos leva diretamente ao núcleo dos estudos religiosos, especialmente na área das ciências da religião, e simultaneamente provoca um debate interno acerca de sua terminologia. Um dos desafios em definir o termo é que ele emergiu em um contexto cultural e histórico bastante específico; para alguns autores, sua definição se insere na história intelectual ocidental. Entretanto, o próprio termo ‘religião’ não é utilizado de maneira uniforme, e até mesmo sua origem terminológica é objeto de controvérsia. Para ilustrar alguns exemplos, Cícero (106-43 a.C.) em sua obra *De natura deorum*, que se traduz como “o culto dos deuses”, aborda a veneração aos deuses. Dessa forma, Cícero revela a percepção romana acerca da religião. Lactâncio, um escritor do século III/V, aponta outro significado que se origina da palavra *religio*, que vem de *religare*, ou seja, ligar ou amarrar. Agostinho (354-430) emprega esse mesmo conceito de *religio*, referindo-se ao ato de reconectar a alma a Deus.

Outras disciplinas que estudam a religião, como a sociologia, não têm como objetivo compreender o que é a religião, mas sim analisar a dinâmica do desenvolvimento social e histórico.

As tensões geradas pelas críticas à suposta ausência de um método específico na ciência da religião revelam que a disciplina requer uma combinação de métodos organizados de maneira particular para possibilitar um estudo rigoroso do campo (Usarski, 2023). Outro debate sobre as críticas se refere ao viés colonizador da ciência da religião, que, por ter se desenvolvido na Europa, é alvo de críticas fundamentadas em teorias decoloniais.

Essas críticas não são, de forma alguma, infundadas; pelo contrário, são bem-vindas. No entanto, é fundamental que a ciência da religião não seja confundida com disciplinas como sociologia, antropologia e outras, que são essenciais para a interdisciplinaridade. Nesse contexto, a pesquisa na esfera da ciência da religião não deve ser vista como uma investigação sociológica, histórica ou psicológica. Para aqueles críticos que buscam compreender a religião na modernidade através de teorias oriundas da filosofia da religião, o cientista da religião alemão Joachim Ernst Adolphe Felix Wach comenta:

A questão do progresso não é uma questão da ciência da religião. Na busca por sua própria tendência apologética, a teologia pode agrupar historicamente dados religiosos para indicar progresso. O filósofo da religião pode estar interessado em provar que o progresso ocorre na direção que suas reflexões sistemáticas sobre o desenvolvimento do espírito do mundo e de outras questões. No quadro de uma filosofia total, a questão de saber se em que medida o desenvolvimento religioso manifesta o progresso pode ser discutida. Mas a ciência da religião não pode discutir isso (Wach, 2018, p. 239).

A ciência da religião se ocupa das investigações empíricas, ou seja, das expressões humanas em relação ao que elas geram. A missão do cientista da religião é descrever o que está além do humano, nas projeções das interações sociais, sem se deixar levar por interpretações hermenêuticas que refletem sua própria visão de mundo ou de verdade, como frequentemente fazem filósofos e teólogos.

Conforme Klaus Hock, “[...] a pesquisa empírica, histórica e sistemática da religião e das religiões. Para tanto, abrange uma diversidade de disciplinas que analisam e apresentam religiões e fenômenos religiosos sob aspectos específicos” (Hock, 2017, p. 13). Por ser uma área independente e interdisciplinar, não há restrições em recorrer a outros campos científicos.

Entretanto, o cientista da religião vê seu objeto de estudo como uma totalidade, que possui múltiplas camadas e está em constante transformação. “Religião, como totalidade, se torna um divisor de águas entre os cientistas da religião e outros cientistas que se ocupam apenas esporadicamente da religião” (Greschat, 2005, p. 24).

Para o respeitado cientista da religião Hans Jürgen Greschat, pesquisadores de outras áreas carecem de uma visão holística da religião, percebendo-a apenas de forma fragmentada.

Um exemplo disso é o arqueólogo que analisa apenas um artefato escavado. Já os historiadores da arte buscam interpretar o significado de uma imagem, enquanto os sociólogos investigam o papel da religião na sociedade (Greschat, 2005).

Por essa razão, o autor sugere um estudo em camadas. “O objeto ‘religião’ é algo concreto, ou seja, é sempre uma determinada religião. Cada uma das milhares de religiões que podem ser escolhidas e estudadas é apresentada como uma totalidade possível com quatro perspectivas: como comunidade, como sistema de atos, como conjunto de doutrinas ou como sedimentação de experiências” (Greschat, 2005, pp. 24-25).

Essas perspectivas devem, portanto, ser minuciosamente observadas pelo pesquisador em religião, que deve compreender que elas estão interligadas. Todo problema de pesquisa deve ser solucionado e as questões devidamente respondidas.

Nem tudo o que aparenta ser novo ou interessante constitui um problema científico. É crucial avaliar sua qualidade e questionar: trata-se de uma pergunta? Essa pergunta é pertinente no contexto da Ciência da Religião? (Greschat, 2005, p. 31).

Nesse contexto, a ciência da religião levanta questões acerca da manifestação empírica do objeto religião e sua acessibilidade. Contudo, não se trata apenas de algo tangível; há uma dimensão invisível quando se fala do sagrado. Cientistas de outras áreas tendem a ignorar essa faceta, o que pode distorcer seus resultados.

Se os cientistas da religião negassem o transcendente, não levariam os crentes a sério e se posicionariam de maneira arrogante em relação a eles (Greschat, 2005, p. 33).

Greschat comenta, que por outro lado, a ciência da religião se distingue da teologia. Aqueles que expressam sua fé acreditam que ela é verdadeira, que contém uma verdade. “Cientistas da religião são competentes para avaliar se uma religião é corretamente entendida ou não. Todavia, não atestam a verdade ou falsidade de uma religião” (Greschat, 2005, p. 34).

De acordo com Hock, a Ciência da Religião está especialmente bem-preparada para abordar esses temas de maneira apropriada, pois há algum tempo ela realizou uma mudança de perspectiva que recentemente pode ser observada também em outras disciplinas acadêmicas, voltando-se para questões de caráter científico-cultural. Compreendendo a religião como um campo das Ciências Culturais, cujo trabalho de pesquisa possui significativa relevância social (Hock, 2017, p. 16).

Na obra clássica *"As formas elementares da vida religiosa"* (2018), Émile Durkheim, reconhecido como o pai da sociologia moderna, ao investigar as tribos aborígenes da Austrália, não abandonou a Ciência da Religião, sublinhando sua posição como um dos fundadores da disciplina. Nesse sentido, Durkheim, ao discutir a religião e seu papel enquanto experiência sensível, cita Max Müller:

[...] veio um tempo em que, salvo alguns filósofos clássicos, alheios aos estudos védicos, todos os mitólogos tomavam como ponto de partida para as suas explicações os princípios de Max Müller ou de Kuhn. Portanto é importante examinar no que eles

consistem e o que valem. Como ninguém os apresentou de forma mais sistemática que Max Müller, é dele que, preferencialmente, tomaremos emprestados os elementos da exposição que segue (Durkheim, 2018, p. 107).

Assim, destaca-se a relevância que os estudos de religião tiveram na pesquisa de Durkheim, ao mencionar Max Müller como um pilar fundamental para a compreensão do fenômeno religioso. O conceito de “ateísmo metodológico”⁵ é empregado como uma abordagem investigativa na Ciência da Religião.

Esse termo não é um sinônimo de descrença ou de ausência de fé, mas sim uma postura de distanciamento que o pesquisador deve adotar em relação ao seu objeto de estudo. Segundo Berger (2018), “[...] a religião como projeção humana e, pela mesma lógica, não pode ter nada a dizer acerca da possibilidade de esta projeção referir-se a algo além do ser de quem a projeta” (p.227). Nesse ponto, o autor está desafiando a teologia.

Em outras palavras, a base empírica dessas projeções contém a essência do ser, permitindo que o ser humano atribua significados a uma realidade que ele mesmo constrói. Para o Cientista da Religião, é fundamental realizar esse estudo empírico, compreendendo a religião sem se deixar influenciar pelo objeto em questão, evitando opiniões apologéticas ou contraditórias. Dessa forma, Peter Berger enriquece os estudos de religião, especialmente no âmbito da Ciência da Religião.

Max Müller, ao proferir sua primeira palestra em 1873 sobre a ciência da linguagem, já vislumbrava a criação de um campo científico voltado para o estudo das religiões.

Quando me comprometi pela primeira vez a ministrar um curso de palestras nesta instituição, escolhi para meu assunto a ciência da linguagem. O que eu tinha então no coração era mostrar a vocês e ao mundo em geral que o estudo comparativo dos principais idiomas da humanidade se baseava em princípios sólidos e verdadeiramente científicos [...]. Eu tentei convencer não só acadêmicos de profissão, mas historiadores, teólogos e filósofos, todos os que antes sentiam o encanto de olhar interiormente para o funcionamento secreto de sua própria mente, velados e revelados como estão nos entrelaçamentos fluentes da linguagem, que as descobertas feitas pelos filólogos 28 comparativos não poderiam ser ignoradas com impunidade. [...] nossa nova ciência, a ciência da linguagem, poderia reivindicar por direito seu lugar na Távola Redonda do cavalheirismo intelectual de nossa era (Müller, 2020, p. 305).

Para Müller, a Ciência da Religião, enquanto disciplina independente, se insere no conjunto das demais Ciências Humanas, valendo-se da interdisciplinaridade e possuindo, de forma científica, sua própria capacidade de examinar o objeto de estudo. Frank Usarski afirma que a Ciência da Religião adota uma postura epistemológica particular, trata-se de uma abordagem de observação e descrição que na literatura especializada é referida como ‘ateísmo metodológico’ ou ‘agnosticismo metodológico’ (Usarski, 2023, p. 51).

⁵ De acordo com o *Dicionário de Ciência da Religião* (2022, pp. 41-42). O agnosticismo metodológico refere-se a uma abordagem acadêmica adotada por estudiosos da religião em relação ao seu objeto de investigação. O conceito foi introduzido pelo pesquisador Roderick Ninian Smart.

Usarski menciona que, mesmo quando a ciência da religião é integrada a departamentos de universidades no exterior, vinculados a faculdades de Ciências Culturais e Ciências Históricas, os programas de ciência da religião preservaram sua autonomia, independentemente da utilidade dos resultados para objetivos científicos.

Na ausência dessa autonomia, que se reflete nas produções acadêmicas em teologia, podem surgir tensões; assim, a ciência da religião não atua mais como uma disciplina própria, mas se torna um mero suporte para reflexões teológicas (Usarski, 2023, p. 44).

A demarcação da ciência da religião em relação à teologia caracteriza-se como uma disciplina que investiga a religião em sua totalidade, um conhecimento *ad extra*, enquanto a teologia busca explorar sua própria tradição religiosa. Outras crenças podem emergir no horizonte do teólogo, frequentemente interligadas à história de dogmas e práticas da tradição teológica (Usarski, 2023).

Nesse contexto, a ciência da religião não se debruça sobre a esfera teológica da fé e não se ocupa da veracidade de uma religião; seu foco reside nas diversas manifestações históricas da crença (Usarski, 2023, p. 47). Assim, as investigações podem ser realizadas tanto em textos sagrados, tradições orais, documentos históricos da religião, quanto em objetos que carregam uma crença.

Portanto, a postura do cientista da religião frente a seu objeto de estudo requer uma observação do campo de pesquisa sem se deixar influenciar por suas crenças ou formação cultural, exigindo uma abordagem empírica da religião. Isso contrasta com a fenomenologia da religião, que se debruça sobre temas abstratos e o sagrado, conforme proposto por Rudolf Otto em sua obra "*O Sagrado*" (1917).

Reflexões críticas sobre a obra de udo tworuschka e seus desafios contemporâneos

Um artigo de Udo Tworuschka, intitulado "Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas", publicado no *Compêndio de Ciência da Religião* (2013), provocou um intenso debate entre os cientistas contemporâneos brasileiros. Para Tworuschka, um estudioso das religiões, a Ciência da Religião deve adotar posturas que se oponham a religiões fundamentalistas, buscando promover um engajamento em prol de soluções práticas.

As críticas levantadas em seu ensaio indicam que a postura do pesquisador pode comprometer a conquista histórica e a tradição metodológica da Ciência da Religião enquanto ciência empírica, além de desconsiderar a descrição extra-acadêmica do investigador diante do "agnosticismo metodológico" em relação ao objeto de estudo. Isso não implica que a Ciência da Religião contemporânea não possa ter relevância em debates públicos, mas é fundamental que o cientista da religião respeite as normas válidas e históricas estabelecidas pelos primeiros estudiosos do campo.

Nesse contexto, o termo "ciência da religião aplicada" emerge como uma expressão mais apropriada para evitar equívocos e confusões relativas à Ciência da Religião prática. Isso não significa que a Ciência da Religião não deva combater fundamentalismos, mas há outras áreas, como a ciência política e a teologia prática, que podem atuar nas margens desses conflitos. O cientista da religião, por

sua vez, pode propor pesquisas científicas fundamentadas academicamente, contribuindo para a melhoria de conflitos externos (Usarski, 2023, pp. 79-80). Outra proposta pertinente seria a reorganização curricular acadêmica, visando um saber mais aprofundado que tenha maior relevância profissional extrauniversitária para os estudantes.

Exemplos dessa aplicação podem ser encontrados na área da saúde e em diversos campos que carecem da contribuição dos cientistas da religião, como nas relações internacionais, onde objetos antigos com valores simbólicos religiosos podem ser analisados.

Assim, um profissional qualificado poderia relatar fatos sobre a história desses símbolos, sem renunciar aos requisitos metodológicos exigidos do pesquisador em religião (Usarski, 2023).

Um novo olhar que amplia horizontes teológicos

É amplamente reconhecido que o cientista da religião investiga seus objetos de estudo sem se prender a uma religião específica e não possui obrigações institucionais. Ele é, acima de tudo, um pesquisador livre e qualificado para a investigação científica das religiões.

Nesse contexto, o teólogo que mantém um vínculo institucional e se compromete com sua tradição pode se beneficiar dos amplos conhecimentos oferecidos pelos cientistas da religião. Assim, a ciência da religião tem o potencial de expandir o horizonte teológico, capacitando o teólogo a se apropriar de repertórios desenvolvidos em outras áreas (Usarski, 2023, p. 104).

Críticos da terminologia "ciência da religião" sugerem a adoção de uma nova nomenclatura, inspirada nas ideias do fundador da disciplina, Max Müller, que a concebeu como uma área autônoma e científica. Esses críticos buscam reduzir o termo "ciência da religião" a estudos culturais ou estudos de religião. Embora essa perspectiva não seja inválida — pois o termo é utilizado em universidades estadunidenses e europeias —, é importante ressaltar que existe uma resistência epistemológica e mal-entendidos sobre os estudos de religião neste campo. Tais tentativas de simplificar a nomenclatura correm o risco de resultar em uma criptoteologia⁶, ou seja, uma teologia disfarçada de ciência, ou em abordagens que tentam incorporar métodos hermenêuticos da filosofia, como a fenomenologia. Cornelis Petrus Tiele, um dos pioneiros da ciência da religião, já alertava sobre essas questões:

A questão de saber se a filosofia ou a metafísica tem o direito de julgar a realidade dos objetos da fé não nos interessa aqui. Deixamos, portanto, essa questão em aberto. O objetivo da nossa ciência não é o próprio sobre-humano, mas a religião baseada na crença no sobre-humano; e a tarefa de investigar a religião como um fenômeno histórico-psicológico, social e totalmente humano, sem dúvida, pertence ao domínio da ciência (Tiele, 2018, p. 219).

O pesquisador em religião se dedica a investigar seu objeto de estudo de maneira empírica. Dessa forma, ele não tem acesso ao “sobrenatural” ou ao que está além do humano, mas se vale das

⁶ Criptoteologia é uma terminologia empregada para codificar a teologia dentro do âmbito científico.

produções humanas relacionadas à sua religião para conduzir suas investigações. Assim, torna-se apto a analisar outras tradições religiosas e a contribuir no âmbito teológico.

O teólogo que realmente se aprofunda em sua área de conhecimento não se limita apenas ao saber acumulado dentro de sua própria tradição religiosa, mas busca compreender outras tradições que são desenvolvidas por cientistas da religião e por profissionais de diferentes campos. Críticos podem alegar que as ciências humanas, de modo geral, praticam a interdisciplinaridade, e isso se aplica também à teologia.

No entanto, defendo que o especialista religioso é, de certa forma, prisioneiro de sua própria tradição: o protestante em relação ao cristianismo, o islâmico em relação ao islamismo, e o budista em relação ao Buda.

Por outro lado, o cientista da religião não está preso a uma única tradição e não depende dela, o que o torna competente para instruir e guiar aqueles que desejam explorar uma determinada religião em sua totalidade. Dessa forma, a ciência da religião se interessa por qualquer tradição religiosa. Se houver uma hierarquia de objetos do ponto de vista do cientista da religião, ela não se fundamenta em uma determinação religiosa ou em crenças, mas sim em seu amplo conhecimento sobre a apropriação das religiões no contexto científico (Usarski, 2023).

Considerações finais

Este artigo se dedicou a investigar a posição da ciência da religião como um campo academicamente solidificado, visando um processo contínuo de transmissão do patrimônio coletivo acumulado por cientistas da religião, que serve de alicerce para futuras gerações de estudiosos na área.

A denominada “tradição da segunda ordem”, proposta pelo professor Frank Usarski, sugere a mobilização de uma comunidade contemporânea de acadêmicos que asseguram a continuidade dessa herança. No entanto, isso não implica que a disciplina esteja imune a críticas, revisões e aprimoramentos.

O texto destaca o legado da Ciência da Religião como elementos essenciais para a formação da identidade dessa disciplina. Analisamos a postura que o pesquisador deve adotar em relação ao seu objeto de estudo, exercitando um esforço mental que evite a atribuição de verdades ou apologia, utilizando o “agnosticismo metodológico” como abordagem de pesquisa.

Discutimos também as delimitações da Ciência da Religião em relação a outras áreas e como essa disciplina se orienta fora do âmbito acadêmico. E apresentamos a Ciência da Religião como um componente crucial na formação teológica. Este é um debate que transcende a mera produção de artigos; como propomos, trata-se de discussões metateóricas que nos provocam a pensar e refletir sobre essa área intrigante dentro das ciências humanas no Brasil.

E por fim, exploramos as nuances que definem a Ciência da Religião, traçando suas fronteiras em relação a outras disciplinas e como essa área, se desdobra além dos muros acadêmicos. Nesse

sentido, o estudioso das religiões não se vê atado a uma única tradição e não depende dela, o que o capacita a orientar e iluminar aqueles que desejam mergulhar profundamente em uma religião específica.

Assim, a ciência da religião se dedica a qualquer tradição. Caso exista uma hierarquia de objetos sob a perspectiva do estudioso das religiões, ela não se baseia em uma determinação religiosa ou em crenças, mas sim em seu vasto conhecimento acerca da apropriação das religiões no âmbito científico.

Referências

- BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2018.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2018.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.
- HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião**. São Paulo: Loyola, 2017.
- MÜLLER, Friedrich Max. Primeira palestra (trad. Pedro Rodrigues Camelo). **REVER: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 305-329, 2020. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2020vol20i1a19>.
- TIELE, Cornelis. Concepção, objetivo e método da Ciência da Religião. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 217-228, 2018. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2018vol18i3a13>.
- USARSKI, Frank. **A identidade da ciência da religião**. São Paulo: Edições 70 Ed. Almedina, 2023.
- USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Ed. Paulinas, 2006.
- USARSKI, Frank; PASSOS, João Décio; TEIXEIRA, Alfredo (Orgs). **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus, Paulinas e Loyola, 2022.
- WACH, Joachim. Os ramos da ciência da religião. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 233-253, 2018. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2018vol18i2a15>.



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.